



Cena de Ação Entre Amigos, segundo longa-metragem do diretor Beto Brant, que entra em cartaz na próxima sexta-feira e hoje encerra o 31º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro

POLÊMICA NA ÚLTIMA NOITE

Gustavo Galvão
Especial para o **Correio**

“NÃO TENHO COMO RESPONDER”, LAMENTA-SE O JOVEM CINEASTA BETO BRANT, SEM SABER PORQUE O SEU *AÇÃO ENTRE AMIGOS* NÃO FOI SELECIONADO PARA A MOSTRA COMPETITIVA DO 31º FESTIVAL DE BRASÍLIA, QUE SE ENCERRA HOJE COM A EXIBIÇÃO DO FILME *HORS CONCOURS*.

“Recebi o convite de Gramado, mas não aceitei porque eu queria

guardá-lo para Brasília”, emenda, em entrevista ao **Correio Dois**.

“Vai ser bacana fechar o festival, mas eu tenho um desejo muito grande de concorrer em Brasília”, confirma. E mais do que uma mera lamentação, a não-inclusão deste filme entre os futuros vencedores do evento mais importante do cinema brasileiro reforça a impressão de que algo conspira contra Brant.

Em 1997, *Os Matadores*, seu longa-metragem de estréia, saía consagrado por público e crítica no Festival de Gramado. Em compensação, foi esnobado em Brasília, sendo renegado a uma mostra paralela sem repercussão. Este ano, apesar de ser aplaudido de pé na mostra *Perspectivas* do Festival de Veneza, *Ação entre Amigos* também ficou de fora da festa brasiliense.

A questão é que, ao lado de Walter Salles (de *Central do Brasil*), Brant tem sido considerado pela imprensa especializada como o

mais promissor da nova geração de diretores brasileiros. Não à toa, o filme que será exibido a partir das 20h30, no Cine Brasília, agradou em cheio na X Mostra Rio e no VI Festival de Cuiabá, de onde saiu como grande vencedor.

Polêmicas à parte, *Ação Entre Amigos* fecha em grande estilo um dos melhores festivais que Brasília já viu. Antecipando o anúncio dos prêmios distribuídos pelo evento, o filme soa ainda mais pertinente agora que o contestado *O Que é Isso, Companheiro?* apresenta-se como a mais próxima referência feita pelo cinema brasileiro ao regime militar.

Inspirado em um argumento do escritor Marçal Aquino — autor do conto que originou *Os Matadores* —, o filme procura ir mais a fundo nas questões sobre o período. Por isso, desenvolve-se em dois tempos. Um, nos anos 60. Outro, nos anos 90, quando um grupo de quatro amigos

— guerrilheiros nos 60 — enfrentam o passado de frente, pela primeira vez em quase três décadas.

Co-escrito por Aquino, Brant e Renato Ciasca, o roteiro se desenrola quando um desses ativistas descobre que o delegado que o torturou 25 anos antes está vivo. “Quando terminei *Os Matadores*, o Marçal chegou com uma história que ele tinha escrito há muito tempo e que me interessou porque não é histórico, e sim contemporâneo. Ele toca em assuntos muito provocativos”, aponta o cineasta.

O que o motivou em tocar o filme foi a possibilidade de provocar familiaridade entre os personagens — representantes do passado obscuro — e o público mais novo — que, segundo Brant, se recusa a olhar para trás. Os instrumentos para a concretização da idéia foram Correia, o ex-torturador e símbolo da impunidade, e Miguel, símbolo da indignação.

E aqui despontam outras das qualidades louvadas pela crítica. Liderado por Leonardo Villar (de *O Pagador de Promessas*), o elenco é composto por um time de atores igualmente experientes, todos eles vindos do teatro.

Zecarlos Machado, Cacá Amaral, Carlos Mecen e Genésio de Barros são os elementos-base em uma trama cheia de pique. “As questões políticas se destacam, mas *Ação Entre Amigos* é, antes de tudo, um filme de aventura”, destaca Brant, sonhando ainda com o dia em que ele concorrerá, enfim, por um Candango no Festival de Brasília.

SERVIÇO

AÇÃO ENTRE AMIGOS
Direção: Beto Brant, com Leonardo Villar, Zecarlos Machado, Cacá Amaral, Carlos Mecen e Genésio de Barros. Em exibição hoje, às 20h30, no encerramento do 31º Festival de Brasília. Após a sessão, tem início a premiação do festival. Entrada restrita para convidados.